

Bloco VI: EXCERTOS DE OBRAS ESTÉTICAS

São transcritas a seguir algumas obras, bem como alguns excertos, apresentadas no evento *As Formas Fora da Forma*.

Vá ser bom fotógrafo assim lá em casa⁷⁹. Trata-se de um texto publicado no *Jornal da Tarde* (SP), sem nenhuma referência, bastante característico de esquetes do teatro de revista. De qualquer modo, como o texto se organiza fundamentalmente a partir de ambiguidade, sua inserção no evento e seu registro aqui expressam cabalmente sua elaboração.

Num determinado país, cujo regime era ditatorial, havia um decreto favorecendo a natalidade. Necessitando de mão de obra, criaram uma lei que obrigava os casais a terem filhos. Previram também uma tolerância de 5 anos. Para os casais infratores, o governo destacaria um agente reprodutor. Lá um belo dia, num lar feliz, marido e mulher dialogam.

Mulher – Querido, hoje completamos o quinto ano de aniversário do nosso casamento.

Marido – É, e infelizmente não tivemos um herdeiro.

Mulher – Será que eles vão mandar o tal agente?

Marido – Eu não sei...

Mulher – E se ele vier?

Marido – Bem, não posso fazer nada!

Mulher – Eu, menos ainda.

Marido – Vou sair, já estou atrasado para o trabalho.

Mulher – Certo!

Logo após a saída do marido, batem à porta. A mulher abre e encontra um homem à sua frente. Era um fotógrafo que se enganara de endereço.

Fotógrafo – Bom dia. Eu sou...

Mulher – Ah! Já sei... Pode entrar.

Fotógrafo – Seu marido está em casa?

Mulher – Não, ele foi trabalhar.

Fotógrafo – Presumo que ele esteja a par...

Mulher – Sim, ele está a par e também concorda.

Fotógrafo – Então, ótimo. Vamos começar?

Mulher – Credo... Assim... Tão rápido?

Fotógrafo – Preciso ser breve. Tenho ainda outras 16 casas para visitar.

Mulher – Pôxa, o senhor aguenta?

Fotógrafo – Aguento, sim. Gosto muito do meu trabalho. Ele me dá um imenso prazer.

Mulher – Bem... Já que é assim, então, vamos...

⁷⁹ Alexandre Mate coletou e adaptou todos os excertos apresentados na sequência.

Fotógrafo – Permita-me sugerir: uma no quarto, duas no tapete, duas no sofá, uma no corredor, duas na cozinha e uma última no banheiro...

Mulher – Credo! Não é muito!?...

Fotógrafo – Na primeira tentativa a gente acerta na mosca. É rápido.

Mulher (*bastante sem jeito*) – O senhor já visitou alguma casa neste bairro?

Fotógrafo – Não, mas tenho comigo algumas amostras dos meus últimos feitos (*mostrando fotos de crianças em um álbum*). São belas, não!?

Mulher – Puxa! Como são belos esses bebês... Foi o senhor quem fez?

Fotógrafo – Sim, este aqui, por exemplo, foi conseguida na porta de um supermercado.

Mulher – Credo, que horror!!! Não lhe parece um tanto público?

Fotógrafo – Sim, mas a mãe era uma famosa atriz e queria publicidade.

Mulher – Credo! Que horror!!!

Fotógrafo – Foi um dos serviços mais duros que já fiz!

Mulher – Imagino...

Fotógrafo – Esta foi feita em uma roda-gigante, em parque de diversões, em pleno inverno.

Mulher – Jesus, Maria, José!!! Como o senhor conseguiu?

Fotógrafo – Não foi fácil... Como se não bastasse o frio de rachar os ossos, tinha uma verdadeira multidão à nossa volta... Por cima, por baixo... Em toda parte... Quase não consigo acabar...

Mulher – Ainda bem que sou discreta e não quero que ninguém nos veja...

Fotógrafo – Ótimo, eu também prefiro assim. Então, se me der licença, vou armar meu tripé.

Mulher – Tripé?!? Credo, para quê?!

Fotógrafo – Bem, madame, é necessário. O meu aparelho, além de pesado, depois de pronto, para funcionar, mede quase um metro...

Imaginando “aquilo tudo” a Mulher desmaia.

“Pirandello presta-se a pilhérias”, da revista **Zaz Traz**, de Luiz Carlos Júnior e Victor Carvalho, com músicas de Juan Moreno. Certificado de aprovação da Divisão de Censura, nº 573, foi exarado em 13/3/1927. Segundo pesquisas no jornal *Folha da Manhã*, esta obra apresenta uma adaptação dos melhores quadros de várias revistas do período. O esquete em epígrafe, dos autores brasileiros, é um excelente exemplo de elaboração formal. Antes de ele ser apresentado, os compadres – representando os autores –, reclamam da censura e da Polícia, sobretudo por conta de terem vetado o nu previsto no esquete (crítica moral). Assim, o “expediente da reclamação”, além de revelar os mecanismos censórios, também aponta como era possível tapear o público com bestiológicos. Desse modo, chamam

um ator e uma atriz para que ambos improvisem e apresentem outro esquete. Pensam em uma improvisação utilizando exclusivamente as letras Z, H, K, e finalmente optam pela letra P. Assim, criam o esquete (p.35-37, no original), com as seguintes personagens: Paulo Procópio Prado, Paulina Pires Pitanga e Ponto.⁸⁰

Paulina – Palmas! (*vai abrir*) Paulo.

Paulo – Paulina.

Paulina (*tomando um ar sério*) – Precisamos palestrar.

Paulo (*perplexo*) – Por quê?

Paulina – Porque padeço.

Paulo – Padeces?

Paulina – Padeço por Paulo.

Paulo (*tomando-lhe a mão ternamente*) – Pobrezinha! Precisas paciência.

Paulina – Paciência! Paciência!

Paulo (*caçoando com meiguice*) Parece paixão.

Paulina (*zangada*) – Preferias pilhéria! Perverso!

Paulo (*sorrindo*) – Preferia palavras pacíficas.

Paulina (*exaltando-se*) – Peste.

Paulo – Psiu.

Paulina (*continuando*) – Patife. Perjuro.

Paulo (*tapando-lhe a boca com um beijo*) – Para, por polidez.

Paulina (*entregando-se*) – Pertença-te.

Paulo (*continuando a beijá-la*) – Pareço perdido... preso.

Paulina (*erguendo-se*) – Por pulso pulsante.

Paulo (*vencido*) – Pede, pronto, pede! Pinta programa principesco, países, povoações, paisagens pródigas, projetos promissores.

Paulina – Partamos.

Paulo – Para países pitorescos? Pura preciosa paixão.

Paulina (*num ímpeto*) – Para Paris!

Paulo (*desconcertado*) – Paris?

Paulina (*firme*) – Paris.

Paulo (*consigo*) – Pobre pateta! Paulo, Paulo, prepara-te para pagar paixões perigosas.

Paulina (*abraçando-o, com lábia*) – Prometeste-me.

Paulo (*encarando-a*) – Prometi. Prometi! Pois, prometi! Pronto! Partir por Paulo, parece partir por Paris.

Paulina (*como na cidade*) – Partir por Paulo para Paris.

Paulo – Parabéns, perdição! Perdoa-me.

Paulina (*abraçando-o e beijando-o*) – Paulo, Paulo, príncipe poderoso, perfeito! Paulina pertence-te.

Paulo (*puxando um lenço branco do bolso e agitando-o como bandeira*) – Paz! Parlamentemos.

⁸⁰ Material coletado por Alexandre Mate no Arquivo Miroel Silveira, em São Paulo (SP).

Paulina – Perfeitamente. Parlamentemos.

Paulo – Primeiro preciso possuir provas positivas.

Paulina (*beijando-o, imediatamente*) – Pois pronto.

Paulo – Para poder partir.

Paulina – Preparada!

Paulo – Preparado para possível porvir perigoso.

Paulina – Pedes-me profecias?

Paulo – Peço-te palavras pensadas. Provas patentes. Provoações.

Prazeres preteridos por pesares...

Paulina – Por que pedes provoções, pesares?

Paulo – Para poder prometer partir para Paris.

Paulina (*concorda e muito amorosa*) – Pois pronto. Paremos. Prometo procurar provas positivas para prender-te.

Paulo – Perfeitamente.

Paulina (*quer falar qualquer coisa. Chega mesmo a esboçar um gesto, mas não consegue dizer nada. Tenta novamente sem conseguir. Anda nervosamente pelo palco. Corre com os dedos uma estante de livros e toma um deles na mão. Volta-se para Paulo, mostrando-lhe o livro*) – Plutarco.

Paulo (*surpreso*) – Plutarco?

Paulina (*tentando continuar*) – Paradigma para pessoas puras.

Perfeições..., portento.

Paulo – Paulina, por que Plutarco? Pareces presa.

Paulina (*atira-se nervosamente sobre uma cadeira*) Paulo, peça papel. Passou-me. Procurei Plutarco procurar palavras principiadas por P para poder prosseguir. Passei precipitada por páginas povoadas por perigosas palavras pornográficas, proibidas pela polícia. Pragas provocadoras... Pareciam prontas para pular pelo palco, pela plateia. Parei petrificada. Pungente pavor prostrava-me. Parecia pouco provável poder prosseguir. P, P, P, percebes, Paulo?

Paulo – Paulina, parece pilhéria! Público pagou. Podem profligar procedimento pouco polido. Podem patear. Perdemos posições, papéis.

Paulina – Piedade, Paulo.

Paulo – Providência! Público pode perfeitamente perdoar (*dirige-se ao Ponto*). Ponto, prossigamos. Prossegue pelo pedaço partido.

Ponto (*mostra a cabeça com o cabelo desgrenhado pela caixa*) – Pipocas, parece proposital. Procuram pateadas, palermas? Prejudicando peça. Provocando público.

Paulo – Por que pregas? Prefere precipitar perdas?

Paulina – Perdoem-me.

Ponto (*saltando fora da guarita*) – Patifes! Pagarão prejuízos. Peça pareceu plateia patear. Pouca polidez pública.

Paulina e Paulo – Porcos!

Paulina – Profissão pungente. Passa-se por provas pavorosas...

Ponto – Pretendiam partir para Paris. Pois podem partir para... put...

(*interrompe-se em tempo*).

Paulo – Polidez. Parece peixeiro, praguejas. Proferes palavras pesadíssimas. Põe o ponto prudentemente.

Paulina – Prepara-te para pancada.

Paulo – Pulso por pulso.

Paulina – Pugilato.

Ponto – Para perto!

Paulo (*aproximando-se*) – Perfeitamente. Pronto, principiemos.

Paula – Pelo público. Por que provocar protestos? Polícia pode prender.

Empresário (*entra em cena*) – Parem, parem! (*mostra o fundo do palco*).

Partam pelo palco prevendo pancadaria popular. Prédio possui porta posterior para perigo. Pressa (*os personagens saem. Ao público*) Peço perdão perante público prejudicado. Poderão procurar preço pago pelas poltronas. (*Ao Maquinista*) Pano! Pano! (*cai o pano. Paulina abrindo a cortina*) Perdoem-me por provocar puro Pirandello. Peço palmas, por piedade.

“Amor de cowboy”, esquete da revista **Na Hora H**, de 1936, escrita por Luiz Iglésias, Freire Júnior e Carlos Bittencourt. Trata-se de uma *copla* que apresenta as tentativas de sedução de um homem, cuja fala – como era bastante comum – investia em uma espécie de fala sem sentido, mas “caprichada na retórica”. A mulher, como se percebe, é bastante segura de si e do que quer. Oportunista, a Eva da história sabe exatamente qual “chave” pedir para atender aos desejos de Pedro e, juntos, entrarem no Paraíso.

Eva (*entrando perseguida*) – Deixe-me, deixe-me, cavalheiro! Vá plantar favas!

Pedro (*à parte*) – São favas contadas, é só mostrar-lhe o “milho”.

Eva – O Senhor não se enxerga?

Pedro – Como hei de vislumbrar a minha ínfima pessoa se os meus glóbulos são minúsculos diante da sua maiúscula beleza?

Eva (*à parte*) – Mas que sujeito xarope!

Pedro – Serei tudo o que quiser!

Eva – Acho bom o Senhor retroceder.

Pedro – Por que? Se em mim lateja a necessidade inestancável de proferir-lhe uns vocábulos picodológicos da trompa do estáquio dos seus mimosos orifícios auriouculares?

Eva – Escute uma coisa, cavalheiro. O Senhor já atravessou a avenida Rio Branco às cinco horas da tarde?

Pedro – Como não, Senhorita: tenho transposto tudo!

Eva – E ainda não encontrou um chofer que lhe desse uma trombada?

Pedro – Não, Senhorita. Porque a luminosidade da íris veicular dos seus olhos paralisa todo o trânsito, abrindo pista ao Ford V8, no circuito de meus passos.

Eva – Mas será o Benedito?

Pedro – Sou eu mesmo, Senhorita, sou eu! Mas faça do “Inferno de Dante” da minha vida o paraíso celeste da minha existência... (*pensando*) Que bonito o que eu disse!

Eva – O Senhor sabe ser insistente.

Pedro – Olhe Senhorita, mais vale um homem todavia nunca do que outro jamais sem comparação alguma.

Eva – O Senhor está louco.

Pedro – Ora, todavia, como não devê-lo-ía de sê-lo se as antenas de sua íris ressequidas são refratárias a toda a humanidade. Se nos ventrículos de seu coração os fluídos do amor não têm ação preponderante? (*pensando*) Que bonito o que eu disse!

Eva – Que arsenal de besteiras!

Pedro – Não sou eu quem lhe professa a palidez anêmica destas proposições, quem as irradia é o disco circular da circulação do meu sangue ferido pelas agulhas dos diafragmas do amor... (*pensando*) Que lindo o que eu disse!

Eva (*à parte*) – Bem, não há outro remédio senão aturar esta injeção. (*alto*) Finalmente, Quem é o Senhor?

Pedro – Vou exhibir-lhe as minhas credenciais

Eu sou vulgo Zé Metralha
da fazenda da harmonia.

Eva – E em que trabalha?

Pedro – Eu trabalho na vacaria

Já fui *cowboy*
de Niterói

no cocoré não sou “paca”
no faroeste, herói

Eu já fiz um virar vaca

Eva – Oh, seu lorota
isso é potoca

Eu gosto mesmo é de nota.

Pedro (*mostrando-lhe um maço de notas*) – Pois tenho muitas pelegas
pra conquistar minhas negas

Eva (*cedendo*) – como eu gosto de você
meu marrom glacê!

Pedro – Pois eu também, ma frufu

Eu te *I Love you*.

Eva – Mercedes Benz

O amor se enleia

Pedro – Vamos ver a Lua cheia

apanhar na praia

O tatu pela areia

“Os marimbondos”, *copla* inserida na revista ***Dona Boa*** (dois atos e 30 quadros), de Jerônimo Castilho, Alfredo Breda e Lamartine Babo. O certificado expedido pela Divisão de Censura é número 1238, de 4 de junho de 1930. A obra montada pela Companhia de Revistas Margarida Marx foi levada à cena no então tradicionalíssimo Theatro Cassino Antarctica. Novamente, como no esquete anterior, a mulher é interesseira e capaz de objetividade quanto aos seus desejos.

Ele – Os marimbondo avoou, pousô no tacho, eu butei a mão pru baixo. Marimbondo me ferraram. Meti os pé, me avorocei, comi poeira, fui caí na capoeira e as galinha me sujaram.

Ela – Eu tava pondo as carne seca na panela quando abri minha janela, tu me oiô atravessado.

Ele – Foi, naturalmente. Que bobagem Sinhá Biriba, não podia oiá pra riba. Com os dois oio tudo inchado.

Ela – Tu me qué bem?

Ele – Eh, eh, meu bem.

Ela – Si vem arguém?

Ele – Não vem ninguém.

Ela – Sim, mas porém...

Ele – Ti dou um vintém.

Ela – Eu quero é cem.

Ele – Ti dou também.

Ela – Mas tu não tem!

Ele – Mas vô furtá.

Ela – Onde é que tá?

Ele – Vou procurá.

Ela – Si os guarda vê?

Ele – Vem me prendê.

Ela – Dispois então...

Ele – Tem nada não.

Ela – Mas tem é que fazê.

Ele – Se defendê.

Ela – Beiço taí.

Ele – E...

Ela – Pode mordê.

Esquete sem nome da revista ***Brasil Terra Adorada***, de 1932, escrita por Jardel Jércolis com músicas compiladas. Apesar de o processo de eleição já ter sido realizado, e o governo de Getúlio Vargas ter garantido a continuidade do processo democrático, o esquete aponta, claramente, o processo de cooptação pela força de um sujeito ébrio.

O certificado em São Paulo foi expedido sob o número 2195, de 8 de janeiro.

Bêbado (*entrando da esquerda*) – Comigo ninguém se meta, eu sou de qualidade. É no duro, sem tretas. Sou politizado de verdade (*bebe*). Isto agora está mudado, já ninguém se entende, o País está virado, o destino assim o quis (*bebe*). Viva o Dr. Washington Luís: o maior brasileiro do mundo e suas adjacências!

1º Transeunte – Como? Que disse? Você tem coragem de dar vivas a quem arruinou o país? Se não fosse o glorioso 3 de outubro...

Bêbado – Viva o Doutor Washington Luís!

1º Transeunte (*dando uma bofetada*) – Tome seu merecido castigo, mau brasileiro. Quem tiver senso comum só pode viver ao verdadeiro salvador da pátria: Viva o Doutor Getúlio Vargas!

Bêbado (*interrompendo*) – Convenceu-me. Tem verdadeiros argumentos. Viva o Doutor Getúlio Vargas! Viva o salvador da pátria!

1º Transeunte – Viva! (*sai*)

Bêbado – Como eu sou transviado... Viva o Doutor Getúlio Vargas!

2º Transeunte – Viva quem?

Bêbado – Viva o Doutor Getúlio Vargas!

2º Transeunte – Então, você pensa que apenas o Doutor Getúlio Vargas salvou o Brasil? E os mineiros, também não ajudaram? O maior homem do Brasil é o Doutor Arthur Bernardes!

Bêbado (*depois de beber*) – De Minas, só o queijo!

2º Transeunte (*dando-lhe uma forte bofetada*) – Tome... Para que aprenda. Viva o Doutor Arthur Bernardes!

Bêbado (*no chão*) – Viva! (*levantando-se*) Seu argumento é fortíssimo. Tens toda a razão: Viva o Doutor Arthur Bernardes!

2º Transeunte (*entusiasmado, sai gritando*) – Viva! Viva! (*sai*)

Bêbado – A verdade salta à tona d'água. O 3 de Outubro foi glorioso, todo mundo fez força. Viva o Doutor Arthur Bernardes! Tara-ta-chim, ta-chim, ta-chim!!!

3º Transeunte – Viva quem?

Bêbado – Viva o Doutor Arthur Bernardes!

3º Transeunte – E para os do Norte, você não dá vivas?!

Bêbado – Do Norte? Só conheço a Clevelândia!

3º Transeunte (*dando-lhe uma bofetada*) – Viva o maior brasileiro de todos os tempos: Juarez Távora!

Bêbado (*no chão*) – Tens razão. Os seus argumentos são fortíssimos. Viva! Viva o maior brasileiro de todos os tempos: Juarez Távora!

3º Transeunte (*saindo*) – Viva!

Bêbado (*a custo se incorpora dando demonstrações do mal que as bofetadas lhe fizeram*) – Viva! Viva!

4º Transeunte (*repara no bêbado e começa a rir*) – Viva! Viva!

Bêbado – Viva! Viva!

4º Transeunte – Viva! Viva! Mas viva quem?

Bêbado – Diz você primeiro que eu acompanho...

Estou Nessa Marmita!, revista em dois atos e trinta quadros, de Nino Nelo, com músicas de diversos autores. Trata-se de uma revista paulistana, criada e apresentada por Nino Nelo, dono da Companhia Chantecler de Grandes Espetáculos de Revistas Alegres. Parte das revistas de Nelo era apresentada na zona leste da cidade, especialmente no Brás. A revista em epígrafe, sob o certificado de número 1710, de 12 de maio de 1933, foi apresentada no Theatro Cassino Antarctica. O esquete mostra uma reunião de operários; nesse período, por injunções do imposto pelo governo de Getúlio Vargas, pode-se ter um retrato do trabalhador preguiçoso, cuja matemática é surpreendente.

A cena representa a Sede da Sociedade Operária Morre de Fome Mas Não Trabalho. Há um quadro negro onde um operário, com giz, destaca, escrevendo, o que o Presidente mandar. Evidentemente, os trabalhadores da reunião são os espectadores da revista.

Presidente – Meus amigos, nós operários somos eternos explorados. Trabalhar sempre para encher as pingurras dos patrões. Abaixo os patrões!
Todos – Abaixo!

Presidente – Viva o operariado!

Todos – Viva! Viva!

Presidente – Meus amigos, o ano tem 365 dias. Sim, 365 longos dias (*Operário escreve o número*). Porém, nós só trabalharemos 8 horas diárias; portanto, 8 é $\frac{1}{3}$ de 24h; portanto, $\frac{1}{3}$ de 365 é 121 dias... Senhores, são 121 dias de trabalho insano, derramando nosso suor em 121 dias ininterruptos.

1º Operário – Senhor Presidente, não se esqueça que o ano tem 54 domingos (*A uma ordem do Presidente, o Operário escreve*).

Presidente – É isso mesmo... 67 dias a fio derramando o suor de nosso corpo.

2º Operário – Não vamos desistir da hora do almoço. Uma hora por dia, em 365 dias, são 15 dias a menos. (*A uma ordem do Presidente, o Operário destaca o número*).

3º Operário – Peço a palavra: é fundamental não esquecer o sábado inglês. Isto é: meio-dia de serviço. Então, 54 sábados, são 27 dias de descanso.

Presidente – Restam, portanto, 25 dias de trabalho. Mas nós, no Brasil, num ano temos 24 dias de feriado e consagrado aos santos... Portanto, nesses dias não se deve trabalhar.

Todos – Muito bem! Muito bem!

Presidente – Portanto, fica um dia de trabalho. Este é o dia 1º de Maio, Dia do Trabalho e do descanso.

Todos – Viva o trabalho. Viva!!

A Mulata, revista em dois atos de Max Porto e Júlio Cristóval. O certificado tem o número 1754, de 16 de setembro de 1932, e foi apresentada pela Companhia Permanente do Teatro Colombo, no Teatro Colombo (Brás). Bastante recorrente no fim da década de 1920 e início da de 1930 foram algumas *coplas* fazendo apologia à cocaína, popularmente conhecida com o nome de Cristina. De fato, nesse período, a “musa” de homens e mulheres da noite foi bastante cantada. Assim aparece na obra mencionada:

Mademoiselle – Sonha. Põe no seu sonho a canção
nessa envenenada ilusão.
Deixa que a cocaína fatal
vista de exaltação o seu mal.

Viciado – O calor de seu ardente beijo
Tem doçura da loucura.
Nela o amor aplaca o meu desejo
Sempre exaltado de pecado

Mademoiselle – Dar-lhe-ei a vida, se quiseres
Oh, meu lindo sonho infindo.
Sou a mais divina das mulheres,
Flor da rua, sou só sua.

Viciado – Sonha. Põe no seu sonho a canção
nessa envenenada ilusão.

Mademoiselle – Deixa que a cocaína
Vista de exaustão o seu mal

Viciado – Sonho...

Coro – Põe no seu sonho a canção

Viciado – dessa

Coro – envenenada ilusão.

Mademoiselle – Deixa

Coro – que a cocaína fatal

Mademoiselle – vista

Mademoiselle, Coro, Viciado – de exaustão o seu mal.

Sai Despacho!, de Benjamin de Oliveira. Trata-se de obra cuja estreia ocorreu em maio de 1921. A obra é apresentada por Oliveira como uma revista, dividida em 1 prólogo, 1 quadro e 2 atos.⁸¹ A versão a seguir corresponde a uma adaptação proposta pelos estudantes que

⁸¹ Com alguma revisão em relação ao original consultado, a íntegra do texto, dentre outras fontes, pode ser encontrada na tese de Daniel Marques da Silva. *O palhaço negro que dançou a chula para o Marechal de Ferro*: Benjamin de Oliveira e a consolidação do circo-teatro no Brasil – mecanismos e estratégias artísticas como forma de integração social na *Belle Époque* carioca. Rio de Janeiro: Unirio, 2004.

a apresentaram no evento promovido no Instituto de Artes da Unesp.

PRÓLOGO

Primeira cena

Uma galeria infernal riquíssima. É dia de festa no inferno, aniversário da princesa Diabelina. Ao subir o pano devem estar em cena todos que participarem do reinado infernal, os quais descem ao picadeiro e cantam.

Coro geral – Com pompa e magnificência

A rainha esplendorosa
Vai receber em audiência
A princesa bela e formosa

Salve, grande rei e imortal
Que nas trevas arvora seu pendão
E que no mundo esparge grande mal
Que corre os povos o amor

Diabelina entrando
O canalha cessa tudo
Ai vem el rei chifrudo
O diabo mais velho!

E depressa esconder chavelho
E depressa esconder chavelho
Salve o grande rei imortal

Que nas trevas arvora seu pendão
E que no mundo esparge grande mal
Que corre os povos o amor

Segunda Cena

Os mesmos e a família real descem ao picadeiro

Satanás – Raios os partam! Obrigado filhos do averno. Como sabeis, hoje é aniversário da minha filha. Portanto, tudo será perdoado. Quem assim ordena é minha filha.

Ocorre um grande tumulto com a chegada do Coro de Diabos.

Satanás – Calma! Raios os partam!

Terceira cena

1º Diabo – Salve a futura herdeira do trono!

Coro de Diabos – Salve!

2º Diabo – Os presentes que temos recebido para a nossa princesa têm dedos incalculáveis.

3º Diabo – Pedras preciosas, nunca vistas.

4º Diabo – E as pérolas? Que são desconhecidas!

Rainha – Vê filha? Nunca ouviu no inferno um festim como este.

Coro de Diabos – Nunca!

Satanás – Será lembrado por muito tempo. E com letras de ouro será gravado no livro infernal. Antes preciso anunciar-vos que eu, imperador infernal, vou desempenhar para a variedade e grandeza de nossa missão, nos destinos da humanidade.

Coro de Diabos – Muito Bem. (*Coro de Diabos cochicham entre si*)

Quarta cena

Satanás – O que vocês, seres infernais, estão cochichando?

Coro de Diabos – Nada não, majestade! (*empurram o 1º Diabo mais à frente*)

1º Diabo – Majestade, nós, diabos infernais, pedimos permissão para entregar-lhe um presente em nome dos diabos pescadores, pois desejamos saudar vossa alteza!

Princesa – Que entrem.

Quinta cena

Coro de Pescadores entra trazendo um enorme tubarão. (grande confusão)

Família Real – Que maravilha!!!

Diabelina – Obrigado, dignos pescadores. Que lindo! Vamos comer??

A música começar a tocar, enquanto o Cozinheiro passa o facão na barriga do tubarão, com a finalidade de abri-lo, aparece Anacleto.

Satanás – É um caso imprevisto

Quem é que mandou...

Coro – É arte do outro criador

Rainha e Princesa – O que será?

Coro – No bucho do tubarão

Satanás – O que vem a ser isto (bis)

Coro – Aqui está de corpo e alma um mortal

Vamos ver com calma

Satanás – Então, que tal?

Coro – É um maganão

Dentro do bucho

Do tubarão

Rei e Rainha – Então...

Satanás – Coisa nunca vista no Inferno! É grande agouro!! Matéria de um mortal.

Princesa – Pai, o que vem a ser mortal?

Satanás – Filha, mortal é um povo que vive n'outro planeta criado pelo outro!

Princesa (*reparando*) Mas... os mortais são todos assim?

Satanás – Não, filha, esse está nesse estado, pois uma matéria sem espírito é um corpo sem vida...

Diga de toda a maneira

Coro – Sai despacho!

Anacleto – Se o grão chefe do País
Sem jeito empurra o facho
Diga de toda maneira

Coro – Sai despacho!

Anacleto – Quando é o namorado
Arbusto que já deu cacho
Diz a noiva em desagrado.

Coro – Sai despacho!

Anacleto – Se juntos de uma mocinha
Perigo de amor lhe acho
Digo assim em tom baixinho

Coro – Sai despacho!

Anacleto – Se é então velha gaiteira
Dessa com cara de tacho
Digo mais outra maneira

Coro – Sai despacho!

Anacleto – Esse dito é já corrente
Em toda conversa encaixo
Digo eu, diz toda gente

Coro – Sai despacho!

Anacleto – Pois é meu chefe! Você é que não conhece aquilo por lá?
Satanás – Só não conhecia o tal despacho.

Anacleto – Aquilo está muito estragado... O povo já não tem mais crença.

Satanás – Nem é preciso.

Anacleto – Então onde vamos parar com isso?

Satanás – Vem parar aqui. Pois não sabes que a maior parte daquilo me pertence? E não dará muito tempo pra que o outro desapareça.

Anacleto – Se o senhor vê o Leme como fica depois da meia noite!

Satanás – Tudo aquilo é meu.

Anacleto – Não há mais respeito.

Satanás – É do meu programa.

Anacleto – As mulheres não respeitam mais os maridos.

Satanás – É do meu programa.

Anacleto – Tragédias e mais tragédias.

Satanás – É do meu programa.

Anacleto – Desastre na estrada de ferro, famílias inteiras choram a perda dos seus entes queridos vítimas nesse desastres. E as jogatinas, então?

Satanás – É do meu programa.

Anacleto – É... Mas este programa a polícia rasga.

Satanás – Dos mortais é a única que me faz barreira..

Anacleto – E o bicho? Eles lá-ban-ca mais vão presos.

Princesa – Mas que progresso.

Satanás – Eu desde que semeei, nunca mais por lá apareci, nem é preciso pois tenho auxiliares em quantidade. Bom, mortal, já te ouvimos com toda atenção. Tens que voltar para teu planeta, não podes ficar aqui.

Anacleto – (*à parte*) Safa! Nem no inferno me querem. (*Alto*) Ô seu chefe, eu lá não arranjo nada.

Princesa – Papai, eu lhe peço, compadeça-se deste infeliz.

Satanás – Que hei de fazer por ele, filha?

Princesa (*acariciando-o*) – Papai, quando quer faz tudo... Olha, papai, desejava conhecer este planeta que se chama Terra.

Rainha – Estais louca, filha?

Princesa – Eu que aqui nasci e nunca daqui saí.

Rainha – Mas filha, não ouvistes este mortal dizer que lá está tudo corrompido?

Coro de Diabos – É verdade!

Princesa – Lembra que hoje é meu aniversário e é o último pedido que lhe faço. Deixa que o acompanhe, quem sabe não lhe poço ser útil.

Satanás (*a rainha*) – Não podemos recusar o seu pedido. (*Alto*) Olá, o seu Sai Despacho. Vá pra sua terra e consinto que minha filha te acompanhe, a fim de conhecer os meus feitos na terra e te arranjar uma boa colocação.

Anacleto – Ela lá não conhece ninguém?

Satanás – Ô idiota, pois tu sabes que quem tiver a seu lado uma mulher bonita não lhe faltará colocações?

Anacleto – Então vou casar com tua filha?

Satanás – Não. Ela passará como tua esposa. Daqui a 15 dias ela deve estar de volta ao inferno. Faço isso pra ser agradável à minha filha, e pra tu veres que o diabo não é tão mau. Filha, quando queres partir?

Princesa – Já, sem perda de tempo.

Rainha (*à parte*) – Filha (*tirando do colar que traz no pescoço uma chave*), a ti quero te dar um presente que será muito útil.

Princesa – Sim, querida mamãe, aceitarei de bom grado.

Rainha faz sinal para os diabos com os dedos, dos quais 4 correm em direção à princesa e levantam-na bruscamente. O outro diabo sai de cena e volta com um cinto de castidade, o qual é colocado em Diabelina.

Rainha – Filha, a ti concedo esta chave, pois esta chave é muito importante e guarda algo muito valioso. Tome nota nas minhas palavras, não consinta que nenhum mortal ponha as mãos nela. Pois se tal acontecer tu ficarás presa por lá e nunca mais verás tua mãe e sobre ti terás sempre a maldição infernal. (*Pegando uma sombrinha*).

Princesa – Descansa, mãe, que saberei guardá-la.

Rainha – Filha, leve esta sombrinha do averno, todas as vezes que desejar

ficar invisível a qualquer mortal, é só abri-la. E... filha... cuidado com os mortais, eles têm manha.

Satanás – Podem partir. Olha que são 15 dias.

Anacleto – Ela estará de volta...

Coro de Despedida – Vai partir

Bela Diabelina

Para terra ir conhecer (bis)

Porém breve

Volte aqui

Boa robusta a valer

Embarque sem mais demora

Tempo não há que perder

Pois só falta meia hora

Pra viagem ir empreender

Com os mortais tenha cautela

Que eles manha sabem ter

Não vá algum magricela

Pelos lábios perder...

Anacleto e Diabelina se encaminham em direção à plateia e fazem um jogo com ela.

FIM